

---

**A arqueologia nos congressos das Associações espanhola e portuguesa para o progresso das ciências (as duas primeiras décadas). Interesses individuais e vantagens públicas.  
Vantagens privadas e interesses colectivos**

**Ana Cristina Martins\* y Maria de Fátima Nunes\*\***

\*Universidade Nova de Lisboa, \*\*Universidade de Évora

Fruto de todo um processo tendente, mesmo que oficiosamente, a organizar a produção científica na Península Ibérica, os Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências tiveram lugar em diferentes cidades de Portugal e de Espanha, até meados dos anos 70.

De entre as muitas áreas científicas abrangidas por estes encontros, consta a arqueológica que não mereceu, até ao momento, uma análise mais atenta, nomeadamente no que se refere à sua importância na afirmação e desenvolvimento da disciplina em Portugal, ao permitir internacionalizar investigações e estreitar relações pessoais e institucionais.

Baseando-nos nos volumes dados à estampa na sequência das primeiras edições destes Congressos, com realce para o primeiro Luso-Espanhol (Porto, 1921), contendo discursos e artigos, em relatos impressos em breves opúsculos e em notícias publicadas em periódicos nacionais, identificaremos protagonistas, individuais e colectivos, públicos e privados, ao mesmo tempo que programas de investigação enquadráveis em agendas de diversa natureza e grandeza, sob um amplo pano de fundo composto de diferentes e coevos contextos nacionais e peninsulares.

Procuraremos, ainda, compreender em que medida a presença portuguesa contribuiu, de facto, para o desenvolvimento da

arqueología em Portugal, ou se, pelo contrário, concorreu sobretudo para o ingresso dos seus principais cultores (casos de Augusto Mendes Correia, Joaquim M. Fontes e Eugénio Jalhay) em determinadas redes de produção, transmissão e recepção de conhecimento. Redes estas, sem as quais dificilmente seriam reconhecidos como pretenderiam no panorama científico português, liderando os destinos da arqueologia portuguesa, mesmo que de modo parcelar e, eventualmente, episódico, num país que parecia persistir em secundarizar a actividade arqueológica, quando comparada com exemplo coetâneos, como o espanhol.

### **Las relaciones filológicas hispano-lusas en el entorno del Centro de Estudios Históricos**

**Mario Pedrazuela**

Universidad Isabel I de Burgos

Fue en el siglo XIX cuando la filología empezó a considerarse como ciencia con un discurso y una metodología semejante a la de las ciencias más experimentales. A la Península Ibérica las nuevas corrientes tardaron en llegar. En España la nueva disciplina inició su consolidación a finales del siglo XIX con la obra de Ramón Menéndez Pidal. En Portugal, ya en 1859, se creó en la Universidad de Lisboa el Curso Superior de Letras que se hizo eco de las nuevas doctrinas lingüísticas.

Partiendo de estos antecedentes nos proponemos estudiar las relaciones que existieron entre los dos países ibéricos en el ámbito de la lingüística en la primera mitad del siglo XIX. Nuestro marco temporal cubrirá desde que Carolina Michaëlis de Vasconcelos estuvo colaborando con los filólogos del Centro de